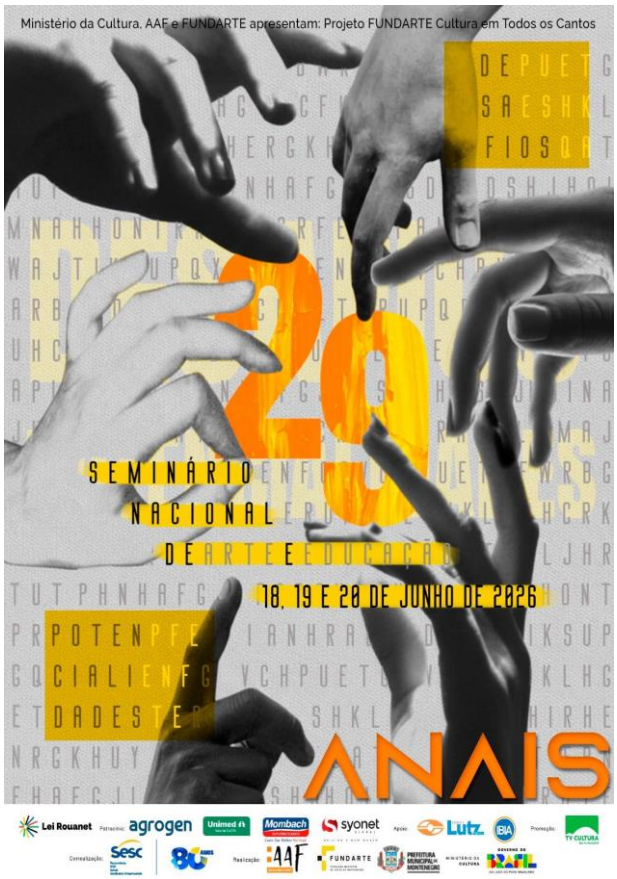

CULTURA VISUAL DOS MEMES NA ARTE CONTEMPORÂNEA DE CHARLLES CUNHA: CITACIONISMO NA ARTE-EDUCAÇÃO[1]

PESQUISA FINALIZADA

Acessibilidade, Violência, Tecnologias e Sustentabilidade.

João Vitor Rocha
Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/Paraná, Brasil

João Paulo Baliscei
Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá/Paraná, Brasil

Eixo temático: Tecnologias

Resumo

Diferentemente de outros momentos, na contemporaneidade tem sido relativamente comum e tranquilo que professoras e professores recorram a imagens para elaborar suas práticas de Arte-educação. Para além dos

[1] Este artigo é resultado de uma pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) intitulada *Cultura visual dos Memes em "Art but make it sports": Citacionismo e Arte-educação* (2026), com bolsas concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O trabalho também é vinculado ao projeto de pesquisa Imagens Criadas com Imagens: Arte, Educação e Cultura Visual (2025-2030).

ROCHA, João Vitor; BALISCEI, João Paulo. Cultura visual dos Memes na Arte Contemporânea de Charlles Cunha: Citacionismo na Arte-educação. **Anais**....29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Montenegro: Editora da MUNDARTE, e1935, Ano 2026.

recursos visuais mais tradicionais, nos últimos anos, outros tipos de imagens têm sido utilizados em situações de ensino, como, por exemplo, *slides*, figurinhas e, em especial, memes extraídos da internet. A cultura visual dos memes tem, por característica, o deslocamento de imagens de seus contextos originais, levando-as para outros, em um processo a partir do qual ganham novos sentidos. Esse fenômeno vai ao encontro do conceito de Citacionismo - uma prática que caracteriza o trabalho artístico-visual contemporâneo que se fundamenta em referências e em reinterpretações de imagens preexistentes. O citacionismo não acontece no sentido da cópia integral da referência, mas no sentido de criar uma outra imagem, juntando, relacionando e misturando outras. Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é: Examinar a cultura visual dos memes, articulando-a com a prática do citacionismo. Metodologicamente, vincula-se aos Estudos da Cultura Visual que têm, como tradição, o interesse por investigar imagens verificando o modo como elas propõem noções de olhares específicos. Estruturalmente, o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado em duas partes. Na primeira delas nos debruçamos sobre o conceito de citacionismo e verificamos como, a partir desse fenômeno recorrente na Arte Contemporânea, as imagens são criadas com outras imagens. Na segunda etapa, voltamo-nos para a cultura visual dos memes, destacando a produção artística-contemporânea do mineiro Charlles Cunha (1991-), em articulação com a prática do citacionismo.

Palavras-chave: Imagem; Ensino de Arte; Estudos da Cultura Visual.

Introdução

Em 27 de agosto de 2025, em São Paulo, realizou-se a abertura da primeira exposição de grande proporção que tematiza os memes, intitulada MEME: no Br@sil da memeficação. A exposição explorou aspectos da Arte Contemporânea de uma forma incomum aos espaços institucionalizados, refletindo sobre a memeficação como meio de expressão e demonstrando como as imagens produzidas e circuladas pela internet podem contar histórias sobre um país, principalmente ao pensar em uma nação tão profundamente ligada à criação e ao consumo desse tipo de artefato da cultura visual. Conforme divulgado no site oficial do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), o país lidera no consumo e produção de memes e, a partir de agora, o primeiro a ter uma exposição de grandes proporções relacionada a esse fenômeno, explorando aspectos da Arte Contemporânea e da cultura visual da internet.

Dentre os núcleos temáticos apresentados, nos interessou, em especial, o “Da versão à inversão”, que se caracteriza por tematizar a imitação, mas não como cópia, e sim como uma atividade crítica e criativa. As obras exibidas na mostra flertam com a cultura visual típica dos memes, como nas imagens com legendas irônicas, humor ácido e até mesmo inversões dos contextos originais das imagens utilizadas como referência. Integram a exposição obras de artistas como Anna Maria Maiolino, Gretta Sarfaty, Nelson Leirner e Claudio Tozzi, ao lado de pessoas e coletivos criadores de conteúdo, como Porta dos Fundos, Alessandra Araújo, Melted Vídeos, John Drops e Greengo Dictionary.

Pensando nessa exposição, vemos que, na contemporaneidade, tem sido comum e relativamente tranquilo que os sujeitos recorram a imagens próprias da internet para elaborar suas ideias, socializar seus pensamentos, fortalecer seus vínculos e, sobretudo, para enfrentar os desafios da vida com humor. Mesmo em espaços mais tradicionais, como os escolares, que, de modo geral, demonstram certa resistência à adaptação às novidades, percebemos o uso dos memes. Para além dos recursos visuais mais convencionais que constituem uma espécie de cultura visual escolar- integrada por cartazes, reproduções de obras de Arte, livros didáticos, filmes, desenhos e pinturas - fazem parte dos espaços escolares -, nos últimos anos, outros tipos de imagens têm sido utilizados em situações de ensino, como slides, figurinhas e memes extraídos da internet. Isso reflete mudanças nas práticas comunicativas e pedagógicas, que passam a incorporar linguagens visuais mais próximas do cotidiano das alunas e alunos contemporâneos.

Nesse ponto, contudo, é preciso mencionar que diferentemente do contexto que se apresenta na contemporaneidade, nem sempre foi aceitável a exploração da cultura visual nas salas de aulas. Em outros tempos nem mesmo se admitia o uso de qualquer tipo de imagem como recurso didático nas escolas, pois se considerava que isso poderia “macular” a criatividade dos e das estudantes. Sobre isso, mencionamos Ana Mae Barbosa (1936- -) que, em seu livro *A imagem no ensino da arte* (2010), tematiza aspectos que tangem ao estigma relacionado ao uso de imagens em sala de aula. A autora reflete sobre uma lacuna significativa entre a teoria e a prática na educação no final do século XX. A introdução da imagem como recurso didático, especialmente na

Arte-educação, desafiava conceitos tradicionais à época e estabelecia novas demandas de formação para os/as educadores/as.

Ademais, a autora indica que, o problema do ensino da Arte no Brasil, à época em que o livro foi elaborado, não decorre apenas da desigualdade existente entre as classes populares e dominantes no que diz respeito ao acesso à cultura, mas também da falta de uma melhor base para os professores e professoras. Segundo Barbosa (2010, p.34), “A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à Arte possível para a vasta maioria dos estudantes de nossa nação”. Explica, ainda, que em virtude de um currículo comum aprovado à época para as escolas, seria evidente que os e as docentes que não se atualizassem não conseguiriam elaborar aulas que alcançassem os resultados esperados.

Porém, é possível perceber que, hoje em dia, enfraqueceu-se o estigma acerca do uso das imagens no ensino da Arte, sendo possível, inclusive, que os professores e professoras trabalhem com imagens “não artísticas”, como os memes. A cultura visual dos memes exemplifica a habilidade e o desejo de se olhar para o que foi feito antes e dar, a isso, outras perspectivas e encaminhamentos, seja por meio de humor, da crítica, da homenagem ou da adaptação. A rapidez, a superficialidade, a dinâmica e o excesso de imagens que caracterizam a cultura visual da internet oportunizam que os memes recorram a imagens já conhecidas, citando-as em novas configurações. Com isso, criam-se diálogos contínuos e dinâmicos, que não se fecham, e que se transformam continuamente em outras coisas de modo descontrolado.

A relevância dessas análises assim como o estudo da cultura visual dos memes se faz presente a partir da realidade em que vivemos, principalmente entre os e as jovens, cada vez mais inseridos em um mundo digital em que as imagens atravessam e constituem as suas identidades e, entre elas, destaca-se a cultura visual dos os memes. Esses e outros temas que se relacionam com as práticas culturais, visuais e educativas contemporâneas são abordados pelo Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI, do qual fazemos parte, e que, em especial, realiza pesquisas que se relacionam com a Arte-educação e com o citacionismo. Por exemplo, no artigo *Memetizando em sala de aula: memes leitura de imagem e desafios da educação*

contemporânea, João Paulo Baliscei e Maria Fernanda Serrilho de Abreu Paulino (2025a) abordam os memes como fenômenos contemporâneos relacionados à internet. O autor e a autora explicam que os memes "[...] têm por característica a produção e a circulação massificada, o que faz com que esse tipo de artefato decorrente de linguagens visuais e seus significados alcancem espaços distintos e improváveis, tanto física e virtualmente, como (e sobretudo) simbolicamente" (Baliscei e Paulino, 2025a, p.5). Concordamos com o autor e a autora quando convidam a pensar sobre uso dos memes enquanto recurso didáticos. Deslocar o uso dos memes para o cenário educativo implica ampliar o repertório artístico-visual dos professores e professoras com expressões contemporâneas que dialogam com o universo dos alunos e alunas. Sublinham ser necessário, então, o estudo desse tipo de visualidade, já que atualmente os memes se configuram como formas de expressão e comunicação que transpõem barreiras de idioma, espaço e tempo, revelando dinâmicas sociais, políticas e educativas realizadas a partir do deslocamento e do citacionismo de imagens. Mais recentemente, em *Cultura visual dos memes e Práticas de Ensino em Arte-educação*, Baliscei e Paulino (2025b) se aprofundam nessa discussão, evidenciando como os memes, enquanto artefatos da cultura visual digital, podem ser tematizados de modos pedagógicos nas práticas de Arte-educação.

Segundo explicam nesse segundo estudo, "[...] o termo meme tem sido compreendido e associado especificamente às imagens ou frases divulgadas de forma humorada ou satírica pela rede." (Baliscei e Paulino, 2025b, p. 35). Assim como ocorre com as imagens criadas a partir de outras imagens, os memes criados a partir de outros memes podem emergir em contextos distintos e até mesmo serem reinscritos em um terceiro contexto, como, por exemplo, os escolares. Conforme destacam Baliscei e Paulino (2025b, p. 42–43), a exigência de referências culturais específicas constitui um traço recorrente dos memes, uma vez que esses artefatos pressupõem certa proximidade entre quem os produz e quem interage com eles, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento das referências que eles fazem circular. Considerando que os sentidos dos memes são construídos a partir de linguagens próprias de grupos culturais específicos, sujeitos que não

compartilham os mesmos repertórios podem não acessar os significados inicialmente concebidos para esse tipo de imagem ou, ainda, atribuir-lhe novas interpretações, deslocando seus sentidos originais.

Nesse sentido, diante dos estudos elaborados por Baliscei e Paulino (2025a; 2025b), avaliamos que os memes evidenciam processos de deslocamento e de ressignificação de sentidos semelhantes aos observados na prática do citacionismo. Essa constatação reforça o potencial dos memes como objetos de análise crítica para a Arte-educação e na leitura da cultura visual contemporânea, atravessada pela prática de imagens criadas com imagens.

A professora Sabrine Schoenell Evangelista, em uma matéria do jornal Porvir (2020), exemplifica o uso de memes em práticas de Arte-educação. Em suas palavras: “Estamos todos vivendo um momento de renovação nas práticas pedagógicas [...] O modo como devemos conquistar a atenção do aluno [...] teve que sofrer uma adesão prática na marra” (Porvir, 2020). A matéria explica que quando a professora percebeu que apresentar imagens da Arte na forma de memes oportunizava um maior envolvimento dos alunos e alunas, passou a recorrer a esse artefato em suas práticas de ensino.

Outro exemplo dos memes sendo usados em contextos escolares e de modos “analógicos” e criativos são as diversas manifestações do tipo Twitter físico, que se tornaram populares a partir de 2025, em decorrência da proibição do uso de celulares em espaços educativos (Figura 1), como vemos na matéria *Alunos do Ensino Médio do Colégio Santa Cecília criam “Twitter Físico” em sala de aula*. A ação foi idealizada por estudantes, que faziam “tweets” físicos em bilhetes, na intenção de contornar a proibição do uso de celulares em escolas. O grupo posicionou um cartaz em uma das paredes, que serviu, então, como uma espécie de timeline, onde eram fixados os posts (analógicos) feitos pelos alunos e alunas e, em alguns casos, até pelos professores e professoras.

Figura 1 – *Twitter* físico



Fonte: Disponíveis em: https://noticias.unisanta.br/colegio/alunos-do-ensino-medio-do-colegio-santa-cecilia-criam-twitter-fisico-em-sala-de-aula. Acesso em: 28 de maio de 2026.

Neste exemplo, os memes criados pelos alunos deslocam as imagens de seus contextos originais, levando-as para outros, em um processo a partir do qual ganham novos sentidos. Esses exemplos vão ao encontro do que Barbosa, em *Tópicos Utópicos* (1998a), sublinha sobre o Citacionismo. Conforme a autora define, o citacionismo é uma prática que caracteriza o trabalho artístico que se fundamenta em referências e em reinterpretações de imagens preexistentes.

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é: Examinar a cultura visual dos memes, articulando-a com a prática do citacionismo. Metodologicamente, vincula-se aos Estudos da Cultura Visual que têm, como tradição, o interesse por investigar imagens verificando o modo como elas propõem noções de olhares específicos. Estruturalmente, o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado em duas partes. Na primeira delas nos debruçamos sobre o conceito de citacionismo e verificamos como, a partir desse fenômeno recorrente na Arte Contemporânea, as imagens são criadas com outras imagens. Na segunda etapa, voltamo-nos para a cultura visual dos memes, destacando a

produção artístico-contemporânea do mineiro Charlles Cunha (1991-), em articulação com a prática do citacionismo.

Referências, Recortes e Releituras: imagens criadas com imagens

Um exemplo de citacionismo usado por Barbosa (1998a) está em destaque na Figura 2. Na obra *Adoração dos Magos* (1560), o artista italiano Ticiano (1490-1576), cita a figura de um cavalo de um outro trabalho artístico, elaborado cerca de 300 anos antes. Mais tarde, o mesmo cavalo da pintura de Ticiano, foi citado pelo artista belga Van Dyck (1599-1641) e colocado em *Retrato de Rei Charles I* (1635). A mesma imagem é novamente usada, em *Retrato do General Washington* (1790) do artista estadunidense John Trumbull (1756-1843).

Figura 2: Citacionismo do cavalo



Fonte: Imagens retiradas da web. Montagem dos autores, 2026.

O cavalo de Ticiano, ao ser incorporado em obras de Van Dyck e John Trumbull, transforma a prática artística, valorizando a continuidade e a reinterpretação das imagens, mostrando como a Arte se manifesta sobre si mesma, em um processo de citacionismo, como podemos ver na Figura 2. Nesse sentido, cada obra não é apenas uma criação isolada, mas parte de um diálogo contínuo entre artistas, épocas e culturas. Assim, o citacionismo se configura como uma prática que celebra a interconexão e a transformação das imagens, que disputam significados entre si. Esse citacionismo em especial, que atravessou mais de 600 anos, demonstra não apenas a longevidade e a resiliência das imagens, mas também, evidencia como certos elementos visuais podem transcender suas origens e contextos, adquirindo novos significados e interpretações ao longo do tempo.

Outro texto em que podemos ver o tema das imagens sendo citadas e ressignificadas é na publicação *Apropriação, Citação, Profanação: A (Des)sacralização da Imagem no Contemporâneo*, de Maryella Sobrinho e Viviane Baschirotto (2018). No texto, as autoras usam principalmente os estudos de Giorgio Agamben sobre a profanação para explorar processos de ressignificação da imagem na Arte Contemporânea brasileira. Avaliamos que o que as autoras chamam de "apropriação", "citação" e "profanação" pode ir ao encontro do que Barbosa (1998a) define como citacionismo. Em comum, essas expressões caracterizam as práticas de criar imagens a partir de outras, portanto, consideramo-las conceitos paralelos.

A partir dessa base teórica, o artigo analisa como a Arte Contemporânea opera com imagens já existentes para desmontar, ironizar ou reconfigurar os sentidos originais das imagens. As autoras discutem como, ao longo da História da Arte, muitas imagens foram tratadas com um caráter "sagrado" — não apenas no sentido religioso, mas simbólico e institucional. Obras consagradas, artistas canônicos e representações visuais estabelecidas se tornam "intocáveis", cercadas por uma "aura" de "autoridade" e intangibilidade. No entanto, a Arte Contemporânea - a partir do citacionismo - rompe com essa lógica, justamente ao se apropriar e profanar essas imagens de maneiras críticas, reconfigurando seus sentidos e usos.

Nesse contexto, a dessacralização das imagens da Arte se dá principalmente por meio da citação. Esse processo envolve a inserção direta de imagens ou elementos visuais já existentes em novas composições, frequentemente sem alterações profundas. O citacionismo é uma espécie de eco visual, a partir do qual o gesto artístico carrega múltiplos rastros e indícios que evidenciam a sobrevivência de outras imagens anteriores. Esse tipo de operação artística demonstra como, no campo da Arte Contemporânea, a ideia de originalidade perde força e prioridade. Em vez de buscar uma inovação absoluta, os e as artistas passam a trabalhar com o que já existe, reconfigurando-o em novos contextos e discursos.

Para estudar o fenômeno ao qual se referem como profanação, Sobrinho e Baschirotto (2018) recorrem à análise das obras de Albano Afonso (1964--), artista paulista que usa de imagens "sacralizadas" da História da Arte,

subvertendo-as. Afonso perfura as imagens, extraindo delas círculos de diferentes diâmetros, transformando-as em outras imagens, que parecem corroídas. Em uma das obras analisadas pelas autoras, *Paraíso* (Figura 3), o artista se apropria da pintura *Almoço sobre a relva* do pintor francês Edouard Manet (1832-1883), fazendo uso de sua técnica de perfuração de imagens.

Figura 3: Profanação de Almoço Sobre a Relva



Fonte: Disponíveis em: https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Édouard-Manet/687735/Almoço-na-grama.htm. Acesso em: 30 de maio de 2026. e https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5660-albano-afonso. Acessos em: 30 de maio de 2026.

Sobre o conceito de citação na contemporaneidade, recorremos, ainda, ao autor paulista Tadeu Chiarelli, em seu texto curatorial *Apropriação/Coleção/Justaposição* (2002), -feito para a exposição *Apropriações/Coleções* (2002) do Santander Cultural. Para apresentar o conceito de citacionismo, o autor remonta aos anos 70, nos Estados Unidos, quando se percebe o destaque dos termos que caracterizam as imagens criadas por imagens. Destaca outro conceito caro às práticas artísticas de fotomontagem nos anos 70, o Colecionismo e Apropriação, a partir dos quais artistas usam, como estratégia para questionar o próprio conceito de Arte, a ação de retirar as imagens de seus contextos. Nesse ponto, Chiarelli (2002) destaca o artista paulista Nelson Leirner (1932-2020). Em suas obras, Leirner estabelece citacionismos, como vemos, por exemplo, em *Assim é se lhe parece* (2003-2011) e em *Figurativismo Abstrato* (2011), em destaque na Figura 4. As obras são compostas por materiais mais casuais e inusitados às "belas artes", como adesivos, figurinhas e personagens infantis.

Figura 4: Figurinhas de Leirner



Fonte: Disponíveis em: https://dasartes.com.br/materias/nelson-leirner e https://blombo.com/sem-titulo-15520. Acesso em: 30 de maio de 2026.

Dessa forma, percebemos que o citacionismo, numa perspectiva contemporânea, não se limita às esferas eruditas da Arte, mas permeia práticas comuns, ordinárias e corriqueiras da criação e da comunicação, o que fica explícito no modo como esse tipo de artefato circula, veloz e fragmentadamente, pelas redes sociais, grupos de família e espaços de trabalho. Sob essas condições contemporâneas, o ato de produzir, compartilhar, modificar ou recontextualizar um meme funciona, portanto, também como uma forma de participação e de pertencimento cultural.

Cultura visual dos memes

A discussão sobre a circulação e a ressignificação das imagens, causa e efeito do citacionismo, conduz para a reflexão sobre outras formas de visualidades, não necessariamente artísticas, que operam de maneira semelhante na cultura visual contemporânea. Remete-nos, portanto, à criação de memes. Michele Knobel e a Colin Lankshear (2020), no texto *A Cultura Dos*

Memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital, abordam esse tema. Nele, as autoras evidenciam como os memes, compreendidos como artefatos da cultura visual digital, podem ser mobilizados de modo crítico, reflexivo e pedagógico nas práticas de Arte-educação. Ao deslocarem os memes do campo exclusivo do entretenimento para o âmbito da educação, as autoras ressaltam seu potencial enquanto objetos culturais capazes de provocar leituras complexas que tematizam questões identitárias e as relações de poder presentes na contemporaneidade.

Segundo Knobel e Lankshear (2020), os memes são compreendidos como fenômenos essencialmente sociais, cuja existência e circulação dependem da interação entre sujeitos conectados em rede. São mais do que textos isolados, eles se configuram como práticas culturais dinâmicas, que só fazem sentido quando inseridas em contextos coletivos de produção, circulação e interpretação. Por isso as autoras destacam a necessidade de professores e professoras incluírem, em suas práticas de ensino, a análise dos efeitos dos memes, convidando seus alunos e alunas a perceber a influência que esse tipo de imagem desempenha em suas maneiras de olhar para o mundo.

> Engajar-se no estudo sério de memes no ambiente escolar pode ajudar a equipar os estudantes com importantes estratégias para identificar memes que infectam suas mentes e para avaliar esses efeitos que os memes têm sobre a tomada de decisão, as ações e relações com o outro, sob um ponto de vista ético (Knobel; Lankshear, 2020, p.126).

Os estudos das autoras se articulam com as concepções teórico-metodológicas apresentadas pelos Estudos da Cultura Visual, especialmente com aquelas estruturadas por Fernando Hernández (2007) em *Catadores da Cultura Visual.* O autor recomenda aos professores e professoras que - dadas as condições contemporâneas, em que os artefatos da cultura visual subjetivam os olhares dos alunos e alunas nas maneiras como olham para si e para o mundo – seria oportuno dar especial atenção às imagens. Nesse caso, contudo, Hernández (2007) não direciona sua proposição de ensino à denúncia e à identificação de conteúdos subliminares nas imagens analisadas, e tampouco à crítica maniqueísta daquilo que provoca diversão e prazer entre os e as estudantes, numa perspectiva hierárquica e proibitiva. Ao contrário,

incentiva professores e professoras a lerem as imagens íntimas e celebradas entre seus alunos e alunas, verificando como eles e elas veem e são vistos por tais artefatos. Com isso, Hernández (2007, p.39) chama atenção para os artefatos visuais que

> [...] a escola exclui (todo saber que não faz parte dos saberes redutores do currículo), que são marginalizados, mas que estão contribuindo, de uma maneira poderosa, para construir as subjetividades de crianças e jovens. Encontra-se aí o sentido para uma outra narrativa para a educação das artes visuais, proposta esta que se propõe tendo por base a cultura visual.

Adesivos, posters, bonecas, vídeos e publicidades são algumas das imagens que, conforme o autor analisou no início do século XXI, os professores e professoras poderiam "catar", em um exercício de serem "catadores da cultura visual" – como sugere o título do livro de Hernández (2007). Tendo se passado quase duas décadas da publicação desse estudo, acrescentamos, a essa lista, outros artefatos com os quais crianças e jovens interagem e que lhes mobilizam maneiras específicas de ver: *selfies*, postagens, compartilhamentos, comentários, curtidas, *stories, reels, lives, meets,* menções, carrosséis, *hashtags*, avatares, reações, emojis, gifs, figurinhas e memes são alguns dos artefatos da cultura visual decorrentes da popularização do acesso à internet.

Os memes, em especial, podem ser entendidos como artefatos visuais ou textuais que circulam na internet, geralmente com caráter humorístico ou satírico, mas que também podem assumir funções críticas, políticas e sociais. Uma de suas principais características é criar uma cadeia de referência a imagens que lhes antecederam, apropriando-se delas e deslocando-as para outros contextos. Os memes evidenciam um processo de apropriação que não é mais apenas individual ou autoral, mas distribuído entre múltiplos sujeitos que, ao remixarem imagens já conhecidas, participam de uma rede contínua de criação e de citação. Essa dinâmica reforça a noção de que a cultura visual contemporânea se forma como um fluxo incessante, no qual cada nova imagem, para existir e ganhar sentidos, depende de outras, anteriores a ela.

Por isso, evidenciamos que os memes se articulam com o fenômeno do citacionismo, pois funcionam como uma espécie de “piada interna”, manifestando-se por meio de linguagens, códigos e referências que apenas sujeitos pertencentes a determinados grupos socioculturais conseguem entender. Tal estética pressupõe um repertório compartilhado, construído a partir de experiências coletivas, consumos midiáticos comuns e vivências culturais específicas.

A cultura visual dos memes demonstra que o citacionismo, numa perspectiva contemporânea, não se limita às esferas eruditas da Arte, mas permeia práticas comuns, ordinárias e corriqueiras da criação e da comunicação, o que fica explícito no modo como esse tipo de artefato circula, veloz e de forma fragmentada, pelas redes sociais, grupos de família e espaços de trabalho. Sob essas condições contemporâneas, o ato de produzir, compartilhar, modificar ou recontextualizar um meme funciona, portanto, também como uma forma de participação e de pertencimento cultural.

Exemplo do modo como os memes atravessam expressões da Arte Contemporânea, e de como se articulam com o fenômeno do citacionismo, são os trabalhos do artista mineiro Charlles Cunha (1991-), que, em suas pinturas, tematiza imagens que já circulam como memes na internet. Dessa maneira, como em destaque na Figura 5, Cunha estabelece diálogos entre a cultura visual dos memes e uma técnica expressiva que, tradicionalmente, tem sido caracterizada como erudita e sofisticada e mais associada à concepção de Belas Artes.

Figura 5: Citações de memes na obra de Charlles Cunha



Fonte: Disponíveis em: https://casayaradw.com.br/wp-content/uploads/2023/08/Catalogo_Charles_CasaYaraDW.pdf. Acesso em: 30 de maio de 2026.

Em *Amigas* (2023) Cunha representa uma cena de 2017 em que a apresentadora paulista Ana Maria Braga (1949--) entrevista, em seu programa televisivo, a Cuca, personagem de *O sítio do Picapau Amarelo*. Na imagem ao lado, *De volta para casa Além Paraíba* (2020), Cunha faz menção à *influencer* Luísa Marilac (1978--), conhecida pela frase “Se isso é estar na pior...”. Na pintura, Cunha se remete a um vídeo gravado por Luísa e postado em suas redes, em que ela registra uma viagem à cidade Além Paraíba. Em análise da imagem, percebemos que a obra de Cunha não só cita o vídeo em questão, como cita o *layout*, os botões, a barra de progresso, o tempo e demais ferramentas características da plataforma. Por fim, a pintura *Clodovil* (2020) cita o artista paulista Clodovil Hernandes (1937-2009), em uma cena televisiva que tem sido apropriada em vídeos, figurinhas, gifs e demais imagens da cultura visual dos memes, para demonstrar espanto e indignação.

Charlles Cunha demonstra como as e os artistas contemporâneos se valem de referências visuais não como mera citação ilustrativa, mas como estratégia bem humorada e problematizadora de significados. Ao deslocar imagens que são familiares às pessoas de modo geral para outros contextos narrativos irônicos e questionadores, as e os artistas contemporâneos

tensionam os limites entre original e cópia, ampliando o campo de leitura a respeito das obras citadas. Nesse sentido, é possível afirmar que, sob as lógicas que a criatividade opera na contemporaneidade, as imagens não mais existem isoladamente - ao contrário disso, as pinturas, fotografias, vídeos, *selfies*, postagens, figurinhas, memes e demais artefatos da cultura visual da internet significam em diálogo com outros, pois carregam camadas de memórias que podem ser constantemente reativadas, reelaboradas e descontextualizadas.

Por fim, mencionamos uma entrevista dada por Charlles Cunha ao *Splash UOL* (2025) e veiculada em seus perfis do *Instagram*[2]*,* em que o artista comenta sobre suas produções com memes. Referindo-se ao acesso que suas obras têm proporcionado ao universo da Arte para pessoa, comenta que "Recebi uma galera do *Twitter* em uma exposição, e uma delas disse que era a primeira vez que em uma exposição de Arte entendia tudo". A fala evidencia um dos aspectos que, para nós, é central na produção de Charlles Cunha: a aproximação entre a Arte Contemporânea e os repertórios culturais compartilhados nas redes sociais, populares e acessíveis aos sujeitos que interagem com e a partir da cultura visual dos memes.

Ao incorporar em suas pinturas memes e imagens amplamente reconhecidas pelo público, o artista rompe ou pelo menos tensiona a percepção de que a Arte é um campo restrito a especialistas e a pessoas que pertencem a classes sociais e culturais mais privilegiadas. Torna, assim, suas obras mais acessíveis e favorece processos de identificação e reconhecimento. Nesse sentido, as obras de Charlles Cunha demonstram como a cultura digital pode funcionar como uma ponte entre o público e os espaços expositivos, ampliando as possibilidades de interpretação e participação na experiência artística.

[2] Disponível em: https://www.instagram.com/p/DOOY2Zxkr9e/?img_index=4. Acesso em 05 de jun. 2026.

Considerações Finais

Certo dia, durante uma conversa informal sobre Arte, ouvi alguém comentar que não gostava de visitar exposições porque nunca entendia o que estava vendo. A frase permaneceu comigo durante a elaboração desta pesquisa. Meses depois, ao analisar a entrevista de Charlles Cunha em que uma pessoa afirma ter sido a primeira vez que "entendeu tudo" em uma exposição de Arte, voltei a pensar naquela primeira conversa e nas barreiras que muitas vezes se estabelecem entre a Arte e público e que – limites esses que são desestabilizados quando relacionamos essa área do conhecimento com imagens mais acessíveis e populares, como é o caso dos memes.

Foi justamente a partir dessas inquietações e particularidades que os memes oferecem para criar e ser pontes para o universo da Arte que desenvolvemos esta pesquisa, e que agora, nas considerações finais, voltamos ao título: *Cultura Visual dos Memes na Arte Contemporânea de Charlles Cunha: Citacionismo na Arte-educação*. A expressão "cultura visual dos memes", em especial, sublinha o nosso interesse em compreender esse tipo de artefato da cultura visual contemporânea para além de seu caráter humorístico, reconhecendo-os como dispositivos que circulam amplamente nas telas, nas conversas e nas postagens e que participam da construção de modos de ver, interpretar e se relacionar com o mundo.

Esta pesquisa surgiu do interesse em compreender como imagens que circulam cotidianamente na internet podem contribuir para reflexões sobre Arte Contemporânea e Arte-educação. Partimos da seguinte questão: de que maneira a cultura visual dos memes pode ser articulada à prática do citacionismo na Arte Contemporânea? Para responder a esse problema, estabelecemos como objetivo examinar a cultura visual dos memes, articulando-a com a prática do citacionismo e, para isso, debruçamo-nos sobre a produção artística de Charlles Cunha.

Para alcançar esse objetivo proposto, o estudo foi organizado em dois capítulos, baseando-se principalmente em análises bibliográficas e nos Estudos da Cultura Visual, campo que investiga imagens, verificando o modo

como elas propõem noções de olhares específicos. No primeiro capítulo, intitulado *Referências, Recortes e Releituras: Imagens Criadas com Imagens,* discutimos sobre o conceito de citacionismo e analisamos como a Arte Contemporânea tem se constituído por meio de apropriações, referências e reinterpretações de imagens preexistentes, apoiando-nos sobre trabalhos de artistas contemporâneos brasileiros, Albano Afonso e Nelson Leirner. No segundo, voltamo-nos para a cultura visual dos memes, investigando suas características e os modos de circulação que oportunizam, principalmente em relação aos estudos de Knobel e Lankshear (2020) e Hernández (2007). Destacamos a produção artística de Charlles Cunha, artista visibilizado em nosso estudo, pois suas pinturas evidenciam aproximações entre a lógica dos memes e as práticas citacionistas características da Arte contemporânea.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, tornou-se cada vez mais evidente que os memes podem ser compreendidos como artefatos da cultura visual contemporânea capazes de organizar formas de ver, pensar e interpretar imagens. Nesse sentido, defendo que a Arte Contemporânea, em especial aquela que tematiza os memes, evidencia que não há mais uma separação rígida entre imagens “eruditas” e imagens “populares”, uma vez que ambas circulam em redes de referências, apropriações e deslocamentos de sentido.

Finalmente, mais do que oferecer respostas fechadas, esta pesquisa acabou por abrir um conjunto de inquietações sobre a relação entre Arte, cultura digital e educação, que ultrapassam os limites deste artigo: de que outras formas os memes podem ser incorporados às práticas de Arte-educação? Como diferentes públicos interpretam essas imagens a partir de seus próprios repertórios culturais? De que maneira a escola pode lidar com a velocidade e com a sobreposição das imagens que circulam nas redes sociais? Esta pesquisa se encerra mais como uma interrupção do que como um fechamento definitivo. A cultura visual dos memes permanece em constante transformação e novas leituras, artistas e práticas ainda podem ampliar significativamente esse debate.

Referências:

ADEGAS, Luíza. Alunos do Ensino Médio do Colégio Santa Cecília criam “Twitter Físico” em sala de aula. **Notícias Unisanta,** Santos, 2025. Disponível em: https://noticias.unisanta.br/colegio/alunos-do-ensino-medio-do-colegio-santa-cecilia-criam-twitter-fisico-em-sala-de-aula. Acesso em: 30 de maio de 2025.

BALISCEI, João Paulo; PAULINO, Maria Fernanda Serrilho de Abreu. Cultura visual dos memes e práticas de ensino em Arte-educação. **Textura**, Porto Alegre, v. 27, n. 69, p. 31-60, 2025. DOI: 10.4322/2358-0801.2025.27.69.02. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/8217. Acesso em: 30 de maio de 2026.

BALISCEI, João Paulo; PAULINO, Maria Fernanda Serrilho de Abreu. Memetizando em sala de aula: memes, leitura de imagem e desafios da educação contemporânea. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 16, n. 38, p. 1–22, 2024. DOI: 10.5965/2175234616382024e0005. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/24471. Acesso em: 30 de maio de 2026.

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**: Anos 1980 e novos tempos.
18.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. 2. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

CHIARELLI, Tadeu. **Apropriação/Coleção/Justaposição**. Tradução . Porto Alegre: Santander, 2002.

CUNHA, Charlles. *Portfólio.* 2025. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1YppdurAmF6RaohdMnLrbG_pVutfRGsBm/view. Acesso em 30 de maio de 2026.

EVANGELISTA, Sabrine Schoenell. Professora fala da adaptação para aulas remotas e como contou com a ajuda das redes sociais para ensinar arte barroca de um jeito diferente. Sabrine Schoenell Evangelista, **Porvir**, São Paulo, 2020, Disponível em: https://porvir.org/memes-abrem-espaco-para-discutir-historia-da-arte-em-aulas-remotas/. Acesso em: 30 de maio de 2026..

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**: proposta para uma nova narrativa educacional. Tradução de Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018) *In:* CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões po-líticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EdUFBA, 2020, p. 93-136

SOBRINHO, Maryella; BASCHIROTTO, Viviane. Apropriação, Citação, Profanação: A (Des)sacralização da Imagem no Contemporâneo *In*: Colóquio do CBHA, 38; Campinas
Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2018/anais/s3.html. Acesso em 30 de maio de 2026.

Nome do Autor: João Vitor Rocha Lavado?
Minibiografia: Artista visual cursando licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Estadual de Maringá - UEM. Integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI, vinculado ao Projeto de Pesquisa 'Imagens criadas com Imagens: Arte, Educação e Cultura Visual' (589/2025) - UEM". Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com bolsas concedidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq, a partir do qual realiza a pesquisa: "Cultura visual dos Memes em Art but make it sports: Citacionismo e Arte-educação".
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7901605429226070
E-mail: ra139279@uem.br

Nome do Autor: João Paulo Baliscei
Minibiografia: Arte-educador. Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá – UEM, com estudos na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona, Espanha. É professor no curso de Artes Visuais na UEM. É coordenador do Subprojeto Interdisciplinar (Pedagogia Campus Sede, Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, financiado pela CAPES/CNPq. Além disso, desde 2019, coordena o Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI. Desenvolve pesquisas sobre Arte-educação, Estudo da Cultura Visual, Estudos Culturas e Práticas de Imagens Criadas com Imagens.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6980650407208999
E-mail: jpbaliscei@uem.br